



Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

2º Semestre 2023

Ciclo I – Dante Cieto de Ferreira

Ciclo II – Eduardo Rosa Pedreira

Ciclo III – Elie Chadarevian

Ciclo IV – Renata Poroger Loeb

Ciclo V – Susi Breviglieri Hegenberg

Ciclo VI – Marcella Prado Ignácio

Índice

Ciclo I

Dante Cieto de Ferreira

O eu que come o mundo. Diálogos entre a psicanálise e o movimento modernista brasileiro 03

Ciclo II

Eduardo Rosa Pedreira

A perversão nossa de cada dia 08

Ciclo III

Elie Chadarevian

Vida, previsibilidade e esperança 16

Ciclo IV

Renata Poroger Loeb

Dias de Abandono, de Elena Ferrante: uma leitura psicanalítica 24

Ciclo V

Susi Breviglieri Hegenberg

A técnica da construção em psicanálise: um caminho para a compreensão dos conflitos internos 31

Ciclo VI

Marcella Prado Ignácio

A arte de perder não é nenhum mistério? 36

2º Semestre 2023

Ciclo I

Nome: Dante Cieto de Ferreira

Título: O eu que come o mundo. Diálogos entre a psicanálise e o movimento modernista brasileiro

É maio de 2023 e me vejo refletindo sobre a obra de grandes personagens do século XX. Há cem anos atrás, Sigmund Freud e Oswald de Andrade empunhavam suas palavras com a intenção de transformar o mundo. O presente ensaio tem como objetivo trazer uma pequena aproximação da obra desses grandes pensadores e refletir como a arte e o pensamento podem ser forças poderosas na construção de realidades.

Por ser um trabalho para o curso de formação em psicanálise, pretendo com ele ecoar algumas das impressões e afetos que reverberam em mim através da obra de Freud. Os conceitos abordados aqui foram debatidos por ele até o final da sua vida, por isso não pretendo esgotá-los ou explicá-los, mas fazer deles mola propulsora para um ensaio sobre a psicanálise e a antropofagia.

Cabe deixar claro que por mais rigor que tenha, o texto aqui apresentado não pretende ser acadêmico visto que ainda há muito pouca leitura da obra freudiana por minha parte. O eixo condutor do trabalho será a ideia de que a pulsão de amor/ ódio e a incorporação e repulsão do mundo pelo Eu, pode dialogar com a ideia de antropofagia, construída por Oswald e os Modernistas.

Pelo lado psicanalítico, o texto provocador utilizado foi “O Instinto E Suas Vicissitudes” também traduzido por “A Pulsão e Seus Destinos”, escrito por Freud em 1915. Nele Freud vai apresentar a ideia de que as pulsões, ou os instintos pulsionais, tem uma importância determinante no desenvolvimento psicológico humano. Sabemos que mais adiante em sua vida, Freud (1933) iria seguir com definições mais precisas das pulsões e mesmo assim sabendo ser um dos temas mais complexos da psicanálise diz:

“A teoria das pulsões é, por assim dizer, a nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão. Em nosso trabalho não podemos desprezá-las, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente” (FREUD, 1933)

Ao longo do texto, Freud irá apresentar as características das pulsões, sendo elas: Pressão, Finalidade, Fonte e Objeto. E também os destinos possíveis, sendo eles Repressão, Sublimação, Reversão e Retorno em direção ao próprio eu (self) do indivíduo, também vai explicar que há forças motoras que impedem a pulsão de alcançar sua finalidade.

Através da Reversão e do Retorno, existem formas da pulsão voltar ao seu oposto (irá exemplificar o sadismo/ masoquismo e o voyeurismo/ exibicionismo) , mas a forma de observar a reversão que nos interessa para esse ensaio é a transformação do amor em ódio. “Visto ser particularmente comum encontrar ambos dirigidos simultaneamente para o mesmo objeto, sua coexistência oferece o exemplo mais importante de ambivalência de sentimento” (p. 14).

Nesse momento iniciamos a ter mais clara a ideia de onde queremos chegar, pois o autor explica que o amor admite três opostos. O primeiro seria Amar X Odiar. o segundo seria Amar x Ser amado, e o terceiro seria Amar X Indiferença.

E esses opostos do amar são regidos por três polaridades

1. Sujeito (ego) - Objeto (mundo externo),
2. Prazer - Desprazer, e
3. Ativo - Passivo.

Essas três polaridades estão ligadas umas às outras, de diversas formas e existe uma situação na qual duas delas coexistem que são primordiais que é na condição narcísica. É na relação entre elas que nosso texto se apoia, ao refletir sobre as relação do Eu com o mundo e nas noções de prazer e desprazer. Ocorre que no início da vida mental, o Eu é capaz de satisfazer por si mesmo as pulsões que lhe são investidas. O sujeito Eu confunde-se com o que é agradável e o mundo externo não existe com interesse e pode ser possivelmente desagradável, ele é auto-erótico (p. 15). Posteriormente em seu desenvolvimento, ao ser apresentado para objetos alheios, o Eu (sob o domínio do princípio de prazer) passa a “introjetar” os objetos que lhe dão prazer e expelir o que lhe dá desprazer. O ódio estaria nesse lugar do desconhecido que gera desprazer pelo primeiro contato com o Eu. Se o objeto me traz prazer, eu o amo, eu quero incorporá-lo. Se causa desprazer, quero afastá-lo, eu o repudio, eu o odeio. O amar é a relação de prazer entre o Eu e o objeto. “O ego odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele” (p. 17).

Esse é um dos textos nos quais Freud busca uma afirmação de sua teoria, ele deseja ser aceito por seus pares. Por isso, quando tenta decupar a organização do aparelho psíquico em

tamanho detalhismo, mostra sua genialidade e alta capacidade de abstração. Porém, como já mencionado anteriormente, não é minha intenção, fazer uma resenha pormenorizada do texto, mas sim, trazer à tona as reflexões que me foram provocadas a partir da constituição do amor e do ódio, na relação com o mundo; de como as noções de “introjeção” e de “repulsão” do que é alheio podem produzir uma associação do pensamento de Freud com as ideias surgidas no Brasil, a partir do movimento modernista.

O movimento modernista

Contemporâneo à Freud, ocorria no Brasil o movimento modernista, que foi um marco na história cultural e artística do país. Buscava a ruptura com os padrões estéticos e culturais vigentes que eram carregados de eurocentrismo e conservadorismo; a mola propulsora do movimento era a valorização da diversidade cultural brasileira, as possibilidades de se fazer arte e construir cultura através do enaltecimento, incorporação e mistura de todas possíveis manifestações culturais vindas do povo daqui com o que poderia ser valorizado e incorporada ao que vinha de fora. Buscava construir uma nova identidade através da autorização das múltiplas expressões do Brasil inventadas até então. É muito importante frisar, que por mais intelectuais que fossem, os modernistas buscavam romper com o academicismo colonizado, que por de várias formas colocava as expressões populares como sendo de uma segunda categoria de existência, diminuída frente ao que era produzido na Europa.

“Contra todos os importadores de consciência enlatada. A existência palpável da vida.” (ANDRADE, 1928)

O movimento modernista antecipou um debate que até hoje ecoa de forma pujante: Como o conservadorismo é carregado de necessidades de preservação de uma ideia de Eu estática, que tem dificuldade e se relacionar com o mundo diferente, sendo gênese de um ódio interminável contra outras formas de existência.

Oswald de Andrade foi uma das principais referências do modernismo brasileiro, um dos principais líderes e teóricos do movimento. Escreveu “Manifesto Antropófago” onde, através de um texto poético experimental, propôs a base do movimento modernista. A identidade nacional deveria se refazer, através da antropofagia, “comendo”, “introjetando”, “incorporando” as ideias e transformando-as em algo novo e original. Mas para isso, era preciso reconhecer “quem era” o Brasil. Assim, Oswald e os modernistas vão lançar mão de uma valorização ética e estética de

diversas culturas populares dos povos brasileiros. Seria através dessa incorporação que poderia nascer um Brasil de identidade fundida, mas descolonial. Até então, o povo, o corpo que existia era apenas o europeu, toda identidade que não fosse essa, era ignorada e assim violentada. Vale deixar claro que estamos falando de milhões de povos indígenas e africanos, que até hoje lutam para serem reconhecidos dentro de uma identidade nacional.

Essa angústia da não-identidade, da alma roubada pelo apagamento da história de um povo, faz com que muitas vezes não tenhamos clara qual seria a meta da construção de uma identidade. A possibilidade de uma alma coletiva plural, definida assim pelo próprio grupo, onde o sujeito pode se encaixar na sua singularidade, passa a ser uma meta saudável de construir, onde o falar e o ouvir ganham equivalências heroicas.

Ao Eu que sempre fora subjugado, abre-se o espaço do reconhecimento, da auto autorização da sua singularidade, que até então era negada. Ganha seu território, que até então lhe era suspenso. Passa a comer gente e ser comida. Sintetiza um mundo plural. Por isso a importância do modernismo como movimento histórico que redimensionou esse debate.

Vimos no texto de Freud que o “O Eu odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele”, então se o status quo que governa e reconhece uma nação não identifica os múltiplos corpos e formas de existir, como não haverá violência?

“O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo. O antropomorfismo. Necessidade da vacina antropofágica. Para o equilíbrio contra as religiões de meridiano. E as inquisições exteriores.” (ANDRADE, 1928)

É interessante frisar para o nosso trabalho aqui apresentado, que Freud é citado três vezes no manifesto e isso mostra que seus escritos estavam sendo “comidos” pelas bandas de cá por Oswald.

Qual era o sentido comum que os dois compartilhavam? Vejo que Freud com a constituição de sua psicanálise, estava libertando diversas possibilidades de existência, estava desencantando o misticismo sombrio e ao mesmo tempo tirando o poder unívoco de uma ciência que até então ignorava todo um universo da psique humana. Oswald e os modernistas também estavam desamarrando um povo de uma ideia obsoleta de si. Deram valor ao que estava até então reprimido e possibilitaram que vozes caladas ganhassem espaço.

“Contra a Memória fonte do costume. A experiência pessoal renovada.”
(ANDRADE, 1928)

Em 2023, um século já se passou desde o impacto que essas grandes ideias, e de alguma forma elas seguem latejando no corpo histórico e social. A psicanálise ganhou terreno e muitos colaboradores para além de Freud, hoje é possível ver aproximações até com a neurologia, área na qual Freud tanto buscou reconhecimento no início de sua teorização, além é claro de ser uma ferramenta de análise social imprescindível, e de auxiliar no processo de alívio e auto conhecimento de muitas pessoas. O movimento modernista, além de toda sua força se arrastou pelo século XX e foi semeador de muita arte e pensamento produzida depois, como a Tropicália e o Manguêbeat, e ainda hoje é pedra fundadora de nossa arte multifacetada, rica na sua diversidade e na sua capacidade de incorporação do outro no Eu.

Vemos hoje um movimento decolonial riquíssimo que, ao buscar identidades auto afirmativas causam uma disruptura em dois modos no Eu Conservador. Uma delas é no sujeito histórico que perde seus benefícios econômicos da dominação, que perde terras e perde riqueza. A outra é no espaço simbólico pois ele deixa de ser a referência única do mundo, ele é obrigado a se relacionar com o objeto desconhecido/ desprazeroso, e ainda mais, se vê impelido ao reconhecimento desse outro Eu como alguém que pode comê-lo. O Eu que se idealiza como medida do mundo, o Ser que é o modelo fechado da potência, pode ser agora fragmentado e sintetizado no mundo do Outro. É o colapso do império.

Como disse Oswald (1928), no seu incendiário manifesto:

“Contra a realidade social, vestida e opressora, cadastrada por Freud - a realidade sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama.” (ANDRADE, 1928)

Referências:

ANDRADE,O. Manifesto Antropófago. 1928.

FREUD,S. O Instinto e Suas Vicissitudes. 1915.

FREUD,S. Conf. XXXII Ansiedade e Vida Pulsional. 1933.

2º Semestre 2023

Ciclo II

Nome: Eduardo Rosa Pedreira

Título: A perversão nossa de cada dia.

Como a teoria freudiana da sexualidade é uma dessas raras feridas que curam e faz da clínica psicanalítica uma das mais importantes contribuições para o nosso tempo

“... a disposição para a perversão não é algo raro e singular, mas uma parte da chamada constituição normal” S. Freud

Sou um jovem leitor de Freud. Nas primeiras incursões no seu território não pude evitar uma inquietação, mesmo uma longínqua irritação por me parecer incompreensível o seu pensamento. Confesso: cheguei a pensar que o inventor da psicanálise tivesse uma certa inclinação para o obscuro, o hermético, o indecifrável (notadamente alguns dos seus escritos de metapsicologia). À medida que fui “entrando” no seu *setting*, ultrapassando as primeiras resistências advindas da minha ignorância, fui capturado por sua genialidade. Talvez seja mesmo inevitável sucumbir ao feitiço desse grande mestre da suspeita¹.

Uma dificuldade da psicanálise, escrito em 1917, é um dos seus textos mais saborosos. Li e reli com gosto. Cativou-me a fluidez da escrita, a simplicidade sem perda da profundidade, a capacidade de síntese e sistematização. Surgia para mim o Freud escritor, reconhecido por vários dos seus contemporâneos como um mestre da prosa alemã, que inclusive chegou a receber o significativo prêmio Goethe da cidade de Frankfurt (Souza, 2010, p.14). Com maestria descreve uma genealogia das feridas narcísicas sofridas por nós seres humanos. Aquela cosmológica feita por Copérnico, destrona-nos do lugar de centros do universo; a biológica, efetuada por Darwin, estabelece nossa

¹ Marx, Nietzsche e Freud foram vistos por Paul Ricoeur, o grande representante da hermenêutica moderna, como mestres da suspeita. Cada um a seu modo e dentro do seu campo de reflexão, ousaram tocar nos pilares sustentadores da civilização ocidental. Ganharam esse epíteto por terem suscitado as trilhas já postas para decifrar a (in)consciência humana. Depois deles, a arte de interpretar não seria mais a mesma (Ricoeur, 1977).

origem dando fim a pretensão de superioridade e diferenciação dos animais de quem descendemos; a mais sentida, aquela de ordem psíquica, portanto mais profunda e de difícil superação, foi perpetrada por ninguém menos do que ele mesmo.

Sempre achei que a famosa ferida desferida pelo iniciador da psicanálise deu-se quando mostrou que a consciência não era mais soberana. Que há diferença entre o mental e o consciente; de que aquilo que nos é mental não coincide com o que nos é consciente; que algo suceder em nossa mente e ter notícias dele são coisas diferentes (Freud, 2016, p.150). Estava enganado ao pensar que era somente isso. O derradeiro golpe acontece quando além da constatação da existência de um inconsciente, revela-se que a **“vida pulsional da sexualidade não pode ser inteiramente domada em nós”**. Ou por outras palavras, o *“EU deixa de ser senhor em sua própria casa”* não apenas por que parte significativa de si mesmo escapa à sua consciência, mas também por que não controla a pulsão sexual e os seus destinos. Juntos esses dois elementos *“representam a terceira afronta ao amor-próprio humano, que eu chamaria de [ferida] psicológica*. (Freud, 2016, op. cit, p. 150).

Com esta visão ampliada fui capaz de perceber a teoria freudiana da sexualidade como a parte mais afiada de sua navalha, aquela que promoveu no narcisismo ocidental um corte em maior grau do que a noção de inconsciente. Mas como isso ocorreu?

O BIOLÓGICO COMO PONTO DE PARTIDA

O mundo dentro do qual o médico vienense vai tecer sua teoria sobre a sexualidade, tinha no corpo o ponto de partida para se estabelecer qualquer afirmação na arena sexual. Não podia ser diferente, posto que desde antiguidade clássica, tudo era definido a partir do biológico. Eram as diferenças anatômicas a base para se dizer qualquer coisa nesse campo. Dois exemplos são paradigmáticos. O primeiro nos vem de Aristóteles quando refletindo sobre a reprodução dos animais afirma que *“a fêmea sempre fornece o material, o macho fornece o que o molda, pois esse é o poder que nós dizemos que eles possuem, e isso é o que faz deles macho e fêmea ... Enquanto o corpo é da fêmea, a alma é do macho”*. Para o pensador grego o macho era a causa eficiente da reprodução enquanto a fêmea a material. Um trazia a eficiência, a outra o molde. O segundo exemplo, é o do proeminente médico e filósofo romano Galeno que no século II d.C. *“desenvolveu o mais poderoso e exuberante modelo de identidade estrutural, mas não espacial, dos órgãos reprodutivos do homem e da mulher, demonstrava com detalhes que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de*

calor vital - de perfeição - resultara na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis" (Laqueur, 2001, p. 13). Estava, pois, construído o modelo do sexo único, no qual os órgãos femininos eram uma forma imperfeita dos masculinos: a vagina, um pênis eternamente precário e por nascer; o ventre, um escroto em potencial e assim por diante. Daí facilmente conclui-se que as mulheres eram tão somente homens virados para dentro. A superioridade deles sobre elas estava desenhada na própria biologia dos seres. O anatômico definia tanto o gênero quanto a hierarquia entre eles (isso não nos soa familiar hoje?).

A contribuição cristã não pode ficar de fora esse caldo histórico-cultural. O cristianismo em seus primórdios desenvolveu uma forte hostilidade ao prazer. O ato sexual deveria ser consumado unicamente para fins de procriação. A busca pela satisfação prazerosa ou foi tratada como pecado ou como uma fraqueza dos espíritos menos nobres (Heinemann, 1998, pp 15-19). O ideal humano do cristianismo estava representado no filho de Deus, nascido de uma virgem, cujo útero não fora maculado pelo sêmen e nem havia conhecido o orgasmo.

Com a chegada das ciências modernas o modelo de Galeno foi superado. A mulher ganhou autonomia, foi reconhecida como um segundo sexo. Entretanto, esse avanço não libertou o pensamento corrente de tomar o biológico como ponto de partida. Embora a observação anatômica mais aprofundada sepultou a visão equivocada de um único sexo, ainda assim persistia a ideia de que nossa vida sexual, iniciada na puberdade, residia unicamente no corpo. Sexo era algo de natureza puramente somática, cujas diferenças e propósitos estavam determinados biologicamente dentro de uma ordem cósmica (filosofia grega) ou divina (teologia cristã).

Tudo sob controle. Tudo categorizado. Dois corpos. Dois gêneros. O natural e o antinatural estabelecido pelo próprio desenho biológico. As dúvidas esclarecidas pelas formas anatômicas. Bastava o corpo obedecer a ordem social estabelecida e o sexo seria decifrado, classificado, domado e sua força selvagem mantida sob o mais estrito controle. O grande SUPER EU ocidental, embora já combalido pelas feridas copérnica e darwiniana, que diga-se de passagem eram exteriores, não contava com uma fatal, aquela de ordem interior que viria chacoalhar suas certezas e perverter seu olhar.

O primeiro corte epistemológico que a navalha freudiana fez, foi tirar a sexualidade da periferia da nossa experiência. Freud insiste na *“importância da vida sexual em todas as realizações humanas”* (Freud, 2016. p. 16). Tal afirmação pode parecer despretensiosa à primeira vista, mas traz consigo importantes desenvolvimentos. Logo de cara amplia o conceito de sexualidade. Destrona o biológico, o corpo como *locus* único da experiência sexual. Sexualidade, sobretudo, é uma realidade psíquica, está na ordem do pulsional e não se reduz ao instintivo. Há em nosso psiquismo toda uma vida pulsional a qual podemos chamar de sexualidade. Sexual é *“toda conduta que, partindo de uma região erógena do corpo (boca, ânus, olhos, voz, pele e etc.). e apoiando-se numa fantasia, proporciona um certo tipo de prazer”* (Nasio, 1995, p. 32). Nossa sexualidade passa pelo corpo, mas não se restringe a ele. Muito ao contrário, nasce e vive em nosso psiquismo. Estava, pois, invertido o ponto de partida. Do psíquico para o biológico, não o oposto como se costumava admitir.

O segundo corte é feito com a notícia assustadora de que nossas pulsões em geral e as sexuais em particular, são indomáveis. Não se submetem ao controle consciente ou ao determinismo biológico. A pulsão é uma força que nasce de uma fonte e nos move em busca de uma satisfação. Seu objetivo é satisfazer-se, descarregar a tensão produzida pelo seu movimento (Freud, 2010, pp 38-55). Para alcançar esse objetivo, a pulsão escolhe por si mesma uma variedade de objetos ou pessoas. A noção na qual se cria que biologicamente tudo estava orientado para uma determinada direção e com um determinado fim, sofre um duríssimo abalo. Freud com a navalha em punho, anuncia para quem tinha ouvidos para ouvir, que a direção “natural” de um homem para uma mulher e vice-versa, não é a regra. A pulsão em sua força libidinal pode nos levar a escolher um objeto invertido. A existência dos invertidos, para usar sua expressão, decreta essa pluralidade de objetos para os quais a pulsão pode se dirigir. Tal inversão não é uma degeneração, algo como um defeito original de fábrica ou ainda um comportamento doentio aprendido, é algo que nos é intrínseco psiquicamente (Freud, 2016, op. cit. pp 33-39). E aqui preparem-se os ouvidos: a bissexualidade nos constitui, posto que, esta direção pulsional não está previamente programada em ninguém, não tem direção específica e pode ir para o objeto que quiser.

O terceiro e definitivo corte dá-se quando além do desvio de objeto, o mestre da suspeição afirma a existência de um desvio de meta: *“Considera-se meta sexual normal a união dos genitais no ato*

denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do instinto sexual (satisfação análoga à saciação da fome). Mas no ato sexual mais normal já se notam os rudimentos que, desenvolvidos, levarão aos desvios que são denominados perversões. Há certas relações intermediárias com o objeto sexual (que se acham no rumo da copulação), como tocar e olhar, que são reconhecidas como metas sexuais provisórias. Essas atividades são, por um lado, acompanhadas elas próprias de prazer e, por outro lado, aumentam a excitação, que deve durar até a obtenção da meta sexual final.” (Freud, 2016, op. cit. 41). O coito deixa de ser a única meta para qual a pulsão se dirige a fim de descarregar a tensão. Toda a superfície do corpo é produtora de prazer sexual, fato que quem primeiro vive são as crianças, cuja sexualidade, vaticinaria o inventor da psicanálise, é perversa e polimorfa.

Estão abalados os alicerces. A intuição freudiana nos leva a admitir a existência de uma perversão constitutiva. Essa palavra e sua significação precisam ser explicadas. Inicialmente usada pela psiquiatria para *“designar, ora de maneira pejorativa, ora valorizando-as, as práticas sexuais consideradas como desvios em relação a uma norma social e sexual”*. (Roudinesco, 1998, pp. 1369-1370), dentro da obra freudiana sofre uma longa evolução. Freud a utiliza no contexto dos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, especificamente para denotar esse desvio de meta sofrido pela pulsão sexual. Depois viria se desdobrar até se tornar ao lado da neurose e da psicose, o terceiro tipo de estrutura psíquica (Roudinesco, op. cit. pp 1369-1376; La Planché, 1991, pp.341-343).

Quando ousei dar a este trabalho título de *a perversão nossa de cada dia*, estava querendo recolher esta intuição original de perversão como desvio pulsional. Queria fazer jus a ousadia freudiana de afirmar que falar em perversão é admitir a existência de uma norma. Perverte-se aquilo que é considerado normativo. Encanta-me e claro, assusta-me também, a ideia de *“definir a sexualidade humana como sendo, no fundo, “perversa”, na medida em que nunca se desliga inteiramente das suas origens, que a fazem procurar sua satisfação não numa atividade específica, mas no “ganho de prazer” ligado a funções ou atividades que dependem de outras pulsões”* (La Planché, op. cit. 342). O lugar mais seguro para “definir” nossa sexualidade não é a norma social, mas a pulsão e seus desvios, realidade psíquica que nos constitui².

² . Nunca é demais (re)lembrar que a perversão, neste sentido, não nos faz perversos, no sentido da estrutura psíquica.

Vendo em conjunto esses três cortes, fica fácil perceber o quanto a ferida produzida por Freud foi profunda e não à toa recebeu tanta rejeição³. Sabe-se que o processo analítico é angustiante. Profundamente ameaçador ao EU soberano de si que sentindo-se atacado se defende desesperadamente. Sua arma mais clássica é a tentativa de silenciar quem o incomoda. Senão é capaz de alcançar tal intento, busca desfigurar a imagem de quem lhe causa tremendo desconforto. A transferência se estabelece. O analisando transfere ao analista a inquietação de sua própria insegurança causada pelas feridas impostas as suas pretensões narcísicas. Isso explica a relação de Freud com o nosso mundo. Ele colocou o Ocidente em seu divã. Trouxe-nos a angústia de ter que admitir que, em termos de sexualidade, aquilo sobre o que nos sustentávamos era uma base sem consistência com a nossa realidade psíquica. Usando sua própria imagem, ele feriu de morte o Narciso. Mas esta não foi uma ferida qualquer.

A FERIDA QUE CURA

Sou um psicanalista em formação. Em meu horizonte desejo muito viver a experiência da clínica. Os medos naturais me atravessam. Nenhum deles forte o suficiente para escurecer a confiança de que no jogo da transferência, sem a qual a análise não acontece, irei aprendendo o refinado manejo da angústia das pessoas com as quais vou viver essa, digamos assim, sagrada experiência da escuta do inconsciente. Delas e do meu.

Se existe um lugar no qual podemos ver a alma de uma sociedade é precisamente no *setting* analítico. Certamente o espírito de um século, suas dores, questões, dilemas, aparecem nas histórias dos pacientes. Só por isso a clínica se constitui numa experiência tão desafiadora quanto fascinante.

É central em nosso tempo as questões de gênero. Os corpos nos quais já não cabem as realidades psíquicas que os habitam. Os conflitos familiares nascidos do medo suscitado por essas novas realidades. As culpas. As violências perpetradas em nome de um padrão totalitário. A repressão social ao “anormal” tantas vezes transformadas em recalques produtores de aprisionamentos com suas muitas camadas psíquicas. Tudo isso está deitado, deitada e deitades em nosso divã.

³ Aqui deve-se recordar das acusações sofridas por Freud e sua teoria psicanalítica de pansexualismo, de uma espécie de vício hermenêutico, de um olhar tendencioso e totalmente atravessados pela questão sexual. Na introdução da quarta edição dos Três Ensaio, Freud toca nessa questão mostrando a fragilidade dessa acusação, lembrando que o filósofo Schopenhauer, em certo sentido, já o havia antecedido nessa percepção como também na rejeição a este pensamento.

O arcabouço freudiano da sexualidade, com todas as suas eventuais fragilidades, se constitui numa base mais que sólida para auxiliar-nos nessas questões. Sobretudo porque é um convite a suspensão do juízo moral, que nunca deve ser subestimado em seu poder de nos atravessar. Somos convidados a tratar a pulsão e o seus destinos, sem adjetivá-las e isso faz da clínica psicanalítica uma potência terapêutica.

A ferida é uma imagem que nos suscita sentimentos negativos. Pode nos apontar para uma subtração, uma destruição, como se ferir fosse necessariamente destruir. Existem feridas destruidoras, mas outras, as mais raras, são paradoxalmente aquelas que nos curam. Quem se dispuser a ouvir Freud, perceberá que a fixidez do objeto e meta não é só uma ilusão é também uma percepção limitadora e como tal patológica. Depois de Freud podemos saudar a perversão (o desvio pulsional) como algo produtor de saúde quando percebido e assumido, eliminando assim tanto sofrimento psíquico.

É neste sentido que vejo a clínica psicanalítica erigida sobre esses pressupostos como uma das principais contribuições não só de outrora, mas também e principalmente do nosso tempo. Há uma perversão constitutiva em nosso psiquismo, uma perversão nossa de cada dia. Se admitir isso é ferir o nosso Narciso interior, que assim seja, pois esta é uma daquelas raras feridas que paradoxalmente ferem para nos curar.

Referências

Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras.

_____ (2016). Obras completas Volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras

Heinemann, Uta Ranke (1998). Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a igreja católica. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.

Laplanche, J.; Pontalis, J. B. (1991) Vocabulário de psicanálise. Sao Paulo: Martins Fontes

Laqueur, Thomas (2001). Inventando o sexo, corpo e gênero dos Gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Nasio, J. D. (1995). Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. São Paulo: Zahar Editora.

Ricoeur, Paul (1977). Da Interpretação: ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

Roudinesco, Elisabeth (1998). Dicionário de psicanálise. São Paulo: Zahar. Edição do Kindle.

Souza, Paulo César de (2010). As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e as suas versões. São Paulo: Companhia das Letras.

2º Semestre 2023

Ciclo III

Nome: Elie Chadarevian

Título: Vida, previsibilidade e esperança

O tema esperança esteve sempre presente em minha vida, pelo menos na consciência que tenho dela.

Gosto muito da esperança, a ponto de querer entender como ela surgiu, de onde vem, que caminhos percorre e para onde vai. Na verdade, espero que ela nunca se vá. Gosto demais dela e não gostaria de perdê-la, mas, também não gosto de prender ninguém. Então, como vou tratar esse dilema, de querer que ela fique sempre comigo, sem prendê-la?

Talvez eu tenha encontrado a resposta, mas, antes, deixem-me mostrar um pouco dos caminhos que percorri.

Ah, sim, desculpem-me por falar diretamente dela, sem primeiro apresentá-la. A esperança é uma antiga conhecida, que foi aos poucos me cativando e, hoje, somos amigos inseparáveis. Conheci-a bem cedo, ainda criança, primeiro ouvindo falar dela (minha mãe falava muito em esperança), depois, experimentando-a, mais tarde interagindo e conversando com ela (sem psicoses; talvez, neuras...) e, atualmente, estudando-a.

Foi também com minha mãe (bem antes dos filósofos midiáticos atuais), que aprendi que esperança não tem nada a ver com esperar, pelo contrário. Segundo minha mãe, a esperança só se aproxima de quem a procura, age, faz sua parte. E não é qualquer procura, não. Trata-se de uma procura contínua, com afinco. Minha mãe costuma dizer: “Faites votre part et le ciel vous donnera”⁴, mas, confesso que levei muito tempo para compreender o que ela queria dizer, já que, apesar de achar que estava fazendo minha parte, o que eu queria, ou esperava, não acontecia.

Com o tempo fui percebendo que muitas pessoas falavam da esperança, havia até gente que levava seu nome, Esperança, conheci algumas.

⁴ Faça tua parte e o céu te dará.

Na formação que precedeu minha primeira comunhão, o catecismo, ela também estava presente. Dessa vez, fazendo parte de um trio: fé, esperança e amor. Ensinaram-me que esses eram três dons (chamavam também de virtudes teologais), dados gratuitamente por Deus a quem Lhe pedisse. Mas, o pedido deveria ser concreto, ou seja, através de atitudes; lembrei da frase de minha mãe... Com o tempo fui entrando em contato com autores e estudiosos que também falavam da esperança. Entre eles há alguns de língua portuguesa que gostaria de citar.

Paulo Freire:

"A esperança é uma necessidade ontológica, uma necessidade de ser mais."

(Pedagogia da Autonomia);

"A esperança exige um pouco de desespero." (Pedagogia do Oprimido);

"A esperança não é algo que se tenha pronto, é algo que se constrói, se edifica."

(Pedagogia da Esperança).

Rubem Alves:

"Esperança é acreditar na beleza do amanhecer, mesmo que a noite tenha sido longa e escura." (O Amor que Acende a Lua).

Mia Couto:

"A esperança é um pedaço de futuro que se intromete no presente." (O Fio das Missangas);

"A esperança é a certeza de que a vida continua, mesmo nos momentos mais sombrios." (Terra Sonâmbula).

Ferreira Gullar:

"A esperança é uma espécie de permanente inquietação" (Poema Sujo).

"E assim, de esperança em esperança, construímos a vida" (Na vertigem do dia).

Conceição Evaristo:

"A esperança na mudança e o sonho da igualdade são combustíveis que alimentam a minha escrita" (Insubmissas lágrimas de mulheres);

"A esperança é o que temos para contar e inventar o futuro" (Becos da Memória).

Há um autor em especial, Donald Wood Winnicott, que conheci durante meus estudos no CEP, e que tem sido, para mim, inspiração para uma série de reflexões, pois, sua obra apresenta importantes abordagens sobre a esperança.

Winnicott usa a palavra "esperança" explicitamente em seu trabalho. De fato, o conceito de esperança é um tema central em seu pensamento sobre desenvolvimento e psicoterapia. Por exemplo, em seu livro "O Brincar e a Realidade", tratando da alegria percebida pelo bebê pela sobrevivência do objeto a seus ataques, Winnicott escreve:

"A aniquilação significa 'ausência de esperança'; a catexia define porque nenhum resultado completa o reflexo a produzir um condicionamento."

Ele também discorre sobre a importância da esperança no processo terapêutico, quando em "A ameaça à Liberdade" (Tudo começa em Casa), afirma:

"Uma ameaça prolongada poderia minar a saúde mental de qualquer pessoa e, como eu tentei enunciar, a essência da crueldade é destruir no indivíduo aquele grau de esperança que faz algum sentido a partir do impulso criativo e do viver e pensar criativos."

Assim, as ideias de Winnicott sobre a esperança estão profundamente entrelaçadas com sua visão do desenvolvimento e do papel do cuidador nos primeiros estágios da vida⁵. Dessa forma, a esperança exerce um papel essencial no desenvolvimento psíquico de uma criança.

Esse sentimento de esperança está enraizado nas primeiras experiências da criança e em sua relação com o cuidador. Ele argumenta que o senso de esperança de uma criança desenvolve-se a partir de experiências de ser segurada, acalmada e cuidada pelo cuidador⁶. Sua capacidade de fornecer um ambiente consistente e confiável ajuda a criança a desenvolver um senso de confiança e segurança, o que, por sua vez, permite o desenvolvimento da esperança.

Para Winnicott, a esperança não é apenas um sentimento passivo de otimismo, mas um sentimento ativo de engajamento com a vida⁷. Ele acreditava que a esperança envolve um senso de arbítrio, uma capacidade de se envolver com o mundo e perseguir ativamente seus objetivos e desejos. Essa

⁵ Winnicott, D. W. (1958). "Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas." Tradução de Maria Thereza Barrocas. Editora Imago.

⁶ Winnicott, D. W. (1960). "O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional." Tradução de Maria Luiza Appy e José Outeiral. Editora WMF Martins Fontes.

⁷ Winnicott, D. W. (1971). "Brincar e Realidade." Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Editora Imago.

capacidade de esperança não é algo fixo ou predeterminado, mas pode ser desenvolvida ao longo do tempo por meio de relacionamentos e experiências saudáveis.

Em seu trabalho como terapeuta, Winnicott acreditava que seu papel era ajudar os clientes a desenvolverem um senso de esperança diante das difíceis circunstâncias da vida⁸. Ele enfatizou a importância de fornecer um ambiente terapêutico seguro e de apoio, onde os clientes possam explorar seus sentimentos, experiências e desafios, ao mesmo tempo em que desenvolvem um senso de esperança para o futuro.

No geral, o conceito de esperança é um aspecto importante da filosofia e da abordagem clínica de Winnicott⁹.

E falando em filosofia, pego agora uma “carona” em Heráclito¹⁰, um filósofo que acreditava que a mudança e o fluxo eram aspectos fundamentais do universo. É dele a famosa frase: "Nenhum homem jamais pisa no mesmo rio duas vezes, pois, não são as mesmas águas e nem ele é o mesmo homem". Heráclito via o mundo em constante movimento e acreditava que nada era permanente ou fixo.

Mas, onde aparece a esperança aí? Bem, uma maneira de se pensar sobre isso é que a previsibilidade fornece uma base para a esperança. Quando temos um senso de previsibilidade em nossas vidas, podemos antecipar o que pode vir a acontecer, e, planejar conforme isso. Assim, podemos ter uma percepção de controle e possibilidade de decisão de como agir, o que, por sua vez, pode nos ajudar a ter esperança no futuro.

Ao mesmo tempo, o conceito de esperança de Heráclito nos lembra que, mesmo nas circunstâncias mais previsíveis, a mudança é sempre possível. Embora possamos encontrar conforto nas rotinas e na familiaridade, também precisamos estar abertos às possibilidades de novas experiências e oportunidades.

Nesse sentido, previsibilidade e esperança não se opõem, mas se complementam. Precisamos de previsibilidade para nos sentirmos seguros, mas, também precisamos de esperança para estarmos abertos às possibilidades que a mudança possa trazer.

Lembram que falei acima que talvez tenha encontrado uma resposta – dentre tantas que pode haver - para meu dilema?

⁸ Winnicott, D. W. (1986). "Tudo Começa em Casa: Ensaios de um Psicanalista." Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Editora Ágora.

⁹ Winnicott, D. W. (1988). "Natureza Humana." Tradução de Maria Adriana Versiani e Augusto Cesar Peixoto. Editora Imago.

¹⁰ Heráclito, Julian Marias em Conferência do curso “Los estilos de la Filosofía”, Madrid, 1999/2000.

Bem, e se a esperança sempre esteve comigo e eu não me dava conta disso? Mas, se for assim, ela independeria de atos, ao contrário do que me ensinaram no catecismo. E, pior, o que minha mãe dizia também ficaria comprometido, pois, onde estaria o fazer, o agir, o concreto para que ela, a esperança, se aproximasse de mim?

Notem que Winnicott relacionou esperança à percepção pela criança de um ambiente estável, previsível. Ora, o que é a percepção do ambiente, senão tudo aquilo que chega às nossas mentes através dos sentidos?

E o que fazem os sentidos senão codificar, o que apreendem do ambiente, em sinais elétricos, que são transportados pelo nosso corpo, até serem decodificados pela nossa mente?

Ora, esse processo de codificação, transporte e decodificação são etapas independentes e não sobrepostas, ou seja, não simultâneas. Isto é, decorre um tempo para que cada uma ocorra. Portanto, o que a mente percebe é passado. Se é passado, então, no momento que ela percebe o ambiente, ele pode não mais estar da mesma forma. E, de fato, não está (Lembram de Heráclito?). Mas, então, o que nos garante que o ambiente ainda permanece estável?

A resposta é que não há garantia alguma, há apenas uma percepção de sua estabilidade. Percepção essa que chamamos de esperança, conforme colocado por Winnicott.

De fato, nossa mente está sempre trabalhando com o passado, e, a partir de processos mentais elaborados, que passam a conhecer o comportamento dos elementos que compõem o ambiente no qual estamos inseridos, temos a percepção, a esperança, de que o ambiente permanecerá como está. Ou seja, de que o que está em repouso continuará em repouso, e, o que está em movimento continuará em movimento, a menos que ocorra alguma ação sobre esses elementos, alterando seu estado corrente e, conseqüentemente, modificando o cenário do ambiente em que estamos inseridos.

Considerando o quadro exposto acima, a resposta que tanto procurava parece poder ser delineada. Ou seja, se é a partir de nossos corpos que conseguimos perceber o ambiente que nos cerca, e se esta percepção nos proporciona previsão, então, a esperança, enquanto reflexo dessa percepção, começa com a constituição de nossos corpos, mais precisamente com a formação do sistema nervoso-sensorial.

Por outro lado, sabemos que antes mesmo de sua formação, a constituição do sistema nervoso-sensorial – na verdade de todo nosso corpo - já está configurado conforme codificado no DNA, ou seja, desde a concepção da vida já há a percepção das possibilidades de formação de nossos corpos, isto é, um registro da esperança.

Portanto, é possível inferir que a esperança é inerente à vida, desde a concepção.

Talvez, a máxima popular (não vamos aqui entrar no mérito do mito da caixa de pandora), de que a esperança é a última que morre, esteja justamente pautada nessa percepção, um tanto quanto encoberta, mas, que elucida muitos aspectos da vida, quando descoberta. De forma tal, que talvez possamos até ousar ir mais longe e concluir que a vida, que suscita a esperança, sobrepõe-se à morte, pois, se a esperança é última a morrer, então jamais morrerá, pois, sendo a última, a própria morte já estará morta.

Referências:

- [1] Winnicott, D. W. (1958). "Da Pediatria à Psicanálise: Obras Escolhidas." Tradução de Maria Thereza Barrocas. Editora Imago.
- [2] Winnicott, D. W. (1960). "O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional." Tradução de Maria Luiza Appy e José Outeiral. Editora WMF Martins Fontes.
- [3] Winnicott, D. W. (1971). "Brincar e Realidade." Tradução de José Octavio de Aguiar Abreu. Editora Imago.
- [4] Winnicott, D. W. (1986). "Tudo Começa em Casa: Ensaios de um Psicanalista." Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Editora Ágora.
- [5] Winnicott, D. W. (1988). "Natureza Humana." Tradução de Maria Adriana Versiani e Augusto Cesar Peixoto. Editora Imago.
- [6] Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5019418/mod_resource/content/1/Pedagogia%20da%20Autonomia%20-%20livro%20completo.pdf
- [7] Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6021142/mod_resource/content/1/E4%20-%20Texto%201.pdf
- [8] Pedagogia da Esperança, Paulo Freire.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7657546/mod_resource/content/1/E5%20-%20Texto%201.pdf
- [9] O Amor que Acende a Lua, Rubem Alves
https://bds.unb.br/bitstream/123456789/793/21/O%20amor%20que%20acende%20a%20lua_rubem%20alves.pdf
- [10] O Fio das Missanga, Mia Couto
<https://doceru.com/doc/n8cx5n1>
- [11] Terra Sonâmbula, Mia Couto
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2945674/mod_resource/content/1/Mia%20Couto%20-%20Terra%20Sonambula.pdf
- [12] Poema Sujo, Ferreira Gullar
https://www.academia.edu/40509674/Poema_Sujo
- [13] Na Vertigem do dia, Ferreira Gullar
https://www.academia.edu/11980369/Na_vertigem_da_vida_a_poesia_de_Ferreira_Gullar
- [14] Insubmissas Lágrimas de Mulheres, Conceição Evaristo
<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/11722/1/cristinaaparecidasanchopinheiro.pdf>

[15] Becos da Memória. Belo Horizonte: Mazza, 2006

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7590386/mod_resource/content/1/Evaristo%202017.pdf

[16] Heráclito, Julian Marias em Conferência do curso “Los estilos de la Filosofía”, Madrid, 1999/2000.

<http://www.hottopos.com/rih56/MariasHeraclito.pdf>

[17] Anotações de aulas, Donald Wood Winnicott, em CEP Seminário Teórico – Núcleo Criança e Adolescência - O ambiente no processo de amadurecimento pessoal. EAD segundas-feiras de 13/03/2023 a 15/05/2023. Docente: Eduardo Fraga de Almeida Prado.

2º Semestre 2023

Ciclo IV

Nome: Renata Poroger Loeb

Título: Dias de Abandono, de Elena Ferrante: uma leitura psicanalítica

A recente leitura da obra de Elena Ferrante, *Dias de Abandono*, atravessou-me de diferentes maneiras, mas de imediato percebi que alguns conceitos psicanalíticos vêm tomando alguma forma para mim e se tornando uma espécie de lente pela qual começo a ler o mundo. Não escolho fazer uma reflexão psicanalítica enquanto leio, mas me deparo com o fato de já estar assim fazendo a leitura desse livro. É por isso que decidi tentar escrever sobre essa experiência.

Do meu ponto de vista, *Dias de Abandono* trata, dentre outros temas, da linha tênue que nos separa da loucura, ao narrar incrivelmente a experiência de fragmentação do ego, diante de uma realidade que se impõe de forma excessiva: o abandono sofrido pela protagonista Olga. Não se trata de patologia a ser tratada e sanada por via medicamentosa, que é a tendência do modo de vida contemporâneo, mas sim de um enlouquecimento como tentativa de cura, de uma fragmentação do eu que não suporta, que colapsa, e que busca se reintegrar. É um processo pelo qual o psiquismo tenta dar conta de si, abandona-se para assim se reestruturar e poder seguir.

De acordo com Renata Udler Cromberg, "*o campo psicanalítico relativizou a diferença entre o normal e o patológico ao lidar com o sofrimento psíquico humano, ocupando-se de coisas ao mesmo tempo simples e complexas, como amor e ódio, prazer e desprazer, dor psíquica, nossos sonhos, atos de fala, fantasias, o desejo e sua regulação, etc. Tem, como fundamento, os destinos da sexualidade humana entendida num sentido amplo como o campo das pulsões, destinos esses que produzem o próprio aparelho psíquico. Assim, tudo o que é considerado como produtor de sintomas pode ser encontrado, em maior ou menor grau, numa disposição diferente, em todos os seres humanos.*" (p. 32).

Penso que *Dias de Abandono* narra não apenas um eu que busca sobrevivência e reestruturação, mas também o funcionamento psicótico em uma estrutura neurótica (com delírio, alucinações e paranoia, como modelos de funcionamento mental), fala do trabalho de luto, pulsão de vida e morte, trata da dependência no relacionamento amoroso e fala de solidão como possibilidade de amor, para citar algumas das temáticas que me vieram à mente.

Vamos lá. O livro é narrado por Olga, uma mulher por volta dos 40 anos. Ela vive em Turim, na Itália, com o marido, o filho, a filha e o cachorro Otto. Olga é então surpreendida pela decisão do marido de deixá-la para ficar com uma mulher mais jovem, realizando uma fantasia de terror para uma mulher de meia idade.

O interessante é que a narrativa é acompanhada por uma desconstrução da linguagem, conforme observa Francesca Cricelli em dossiê publicado pela Revista Cult. A queda do anteparo do casamento traz à tona um eu fragilizado, que não sabe mais de si, que não sustenta mais o recalque até então muito providencial em sua função de manter um comportamento discreto, elegante e uma linguagem polida. Olga dá expressão a um sentimento de raiva crescente por meio de uma linguagem que vai se revelando cada vez mais visceral, com palavras obscenas e um dialeto napolitano, trazendo à tona memórias e personagens marcantes de sua infância. Só por meio dessa linguagem consegue nomear a crueza e brutalidade do que se passa com ela. Aqui me parece que quanto mais próximo do campo da pulsão, menos protegido se fica pela barreira do recalque e, portanto, menos aceito se é socialmente. De fato, diante de um linguajar mais vulgar, agressivo e obsceno, as pessoas vão se afastando aos poucos de Olga, que em dado momento se vê isolada do mundo externo.

Fragilizada e machucada, tentando se vingar do marido, e buscando respostas sobre se ainda poderia ser desejada, Olga se entrega a uma relação sexual com um desconhecido, e dessa forma se submete e se humilha, o que é vivido por ela como algo excessivo, rompendo uma barreira protetora psíquica e estilhaçando de vez o seu ego. Será que podemos pensar que Olga atua a angústia que sente? Assim, trata-se de uma angústia que passa à ação? Parece haver um excesso pulsional que desorganiza o seu ego. Em outras palavras, um aparelho psíquico que não dá conta desse excesso pulsional. Podemos pensar em pulsões sádicas (na vingança contra o marido) e masoquistas (por meio da humilhação a que se submete)? São essas algumas das questões que me vem nessa passagem.

Após a experiência traumática, Olga descreve o que se passa com ela: *"Fixei um pedaço estranho de teto, diante havia uma parede branca, não havia mais o grande armário embutido que tinha diante de mim todas as manhãs. Senti que os pés estavam pendurados no vazio, nenhuma cabeceira por trás da cabeça. Os sentidos todos obtusos, entre os tímpanos e o mundo, entre os dedos dos pés e o lençol, talvez houvesse algodão, feltro, veludo."* (p. 85). Referindo-se à filha, Olga pensa: *"imaginei-a velha, os traços deformados, próxima à morte ou já morta, e ainda assim, um pedaço de mim, a aparição da menina que fui, que teria sido, por que aquele "teria sido"?"* (p. 85).

Olga parece assim ter seu psiquismo inundado, e a partir disso percebemos que ela começa a se afastar da realidade externa, ou até mistura-se a ela. Distrai-se facilmente com suas fantasias e devaneios e é chamada de volta à realidade pelas vozes de um superego distante que sussurra a ela que não pode abandonar seus filhos, é preciso aguentar.

A tarefa para Olga era não sucumbir e ela diz a si mesma: *"Você é de hoje, segure-se no hoje, não regrida, não se perca, se segure. Sobretudo não se abandone aos monólogos absortos ou maldizentes ou odiosos. Apague as exclamações. Ele foi, você fica. Você não terá mais a luz de seus olhos, suas palavras, e daí? Organize as defesas, conserve a inteireza, não se faça quebrar como um objeto de decoração, como um brinquedo, nenhuma mulher é um brinquedo."* (p. 54).

A temporalidade passa a ser outra, se arrasta, se dilata e se comprime. Ela parece ser mais da ordem do Id. A narrativa acontece ora em primeira pessoa, ora em terceira, dando a impressão que Olga já não sabe mais quem é, como se tentasse fugir de si mesma e precisasse voltar a si: *"voltei a arrumar a mordida da pinça no braço para que abandonasse aquela terceira pessoa, a Olga que queria correr, que queria voltar ao eu, eu que vou até a porta blindada, eu que sou quem sou, controlo o que faço."* (p. 112). Os parágrafos que antes do colapso são bem estruturados, tornam-se longos e sem pausas, deixando o leitor sem ar e capturado pela angústia da protagonista.

Aqui acho interessante mencionar que de acordo com Renata Udler Cromberg, os doentes mentais *"afastaram-se da realidade exterior, mas, precisamente por isso, sabem mais da realidade psíquica interior e podem descobrir-nos coisas que de outro modo seriam inacessíveis a nós"* (p. 41). De fato, Freud *"reconhece a positividade do saber da loucura, além de dizer que ele dá acesso a mecanismos presentes na maioria dos seres."* (p. 41). É assim, com base em sua clínica e por meio de trocas com importantes interlocutores, que Freud elabora a sua metapsicologia sobre a constituição e operação

do aparelho psíquico, além da proposta de tratamento para o sofrimento humano, que é a psicanálise.

Voltando ao livro, Olga, desorganizada psiquicamente, precisa cuidar do filho que adoece, do cachorro que está passando mal por ter comido veneno. Também precisa encontrar um jeito de pedir ajuda, já que a porta blindada de sua casa não abre e os telefones não funcionam. Acima de tudo, ela precisa se manter em pé. Simbolicamente, Olga está prisioneira dentro de si mesma. A filha se torna cada vez mais impaciente com o estado de confusão da mãe, mas encontra uma forma de se comunicar. A filha causa dor à mãe para despertá-la de seus devaneios e distrações constantes, como um auxílio a seu superego cada vez mais relaxado.

Olga, tentando elaborar de alguma forma o abandono sofrido, passa a ser assombrada pela imagem de uma vizinha dos tempos de sua infância, referida como "a pobre coitada". Essa mulher, abandonada pelo marido, não sobreviveu e teve um destino trágico. Logo após ter vivido a experiência de excesso que rompe temporariamente sua barreira protetora, Olga chega a alucinar: *"Subi as escadas lentamente. Num canto, próximo ao corrimão, vi agachada a pobre coitada de tanto tempo atrás, que me disse num tom apagado, mas muito sério: eu sou limpa, sou verdadeira e jogo com as cartas na mesa."* (p. 84). Em outro momento, ela chega a ver a mulher de novo, mas logo depois tenta lembrar que essa não é a realidade: *"para me lembrar disso mordi a junta de um dedo por muito tempo, até sentir dor. Depois desmorenei no fedor do cão, queria sentir só aquilo."* (p. 110).

Podemos pensar que esse desprendimento temporário da realidade tem como função proteger um eu exposto, invadido e ameaçado? Segundo Renata Udler Cromberg: *"na confusão alucinatória, tanto o afeto como o conteúdo da ideia intolerável são excluídos do eu, o que só é possível ao preço de um desprendimento parcial do mundo externo. O sujeito recorre às alucinações porque estas são gratas ao eu e prestam apoio à defesa. Na paranoia ocorre o oposto a isso, já que tanto o afeto como a ideia se conservam, só que são projetados ao mundo exterior. As alucinações, que ocorrem em algumas formas, são hostis ao eu, ainda que apoiem a defesa."* (p. 51 e 52).

O personagem Otto (o cachorro) tem uma função interessante na narrativa, ele é quem leva Olga para passear, impulsionando-a de alguma forma para a vida, mas também a abandona, quando muito adoecido, ao buscar o conforto próximo às coisas do marido traidor. Em dado momento,

durante um passeio, Otto não a obedece, não a escuta e isso serve de gatilho para a expressão da raiva e agressividade de Olga, que até então tentava conter. Olga atua sua raiva, açoitando violentamente seu cachorro, até o momento que volta a si diante da reação de uma mulher que testemunhava essa cena. Em outro momento Olga também transborda e agride violentamente o marido ao esbarrar com ele ocasionalmente. Nesse momento expressa sua raiva e desejo de matá-lo: *"o tempo dilatou-se . Atravessei a rua com passos longos e determinados, não sentia vontade alguma de chorar ou gritar ou pedir explicações, só um desejo obscuro de destruição."* (p. 66).

Mesmo antes de colapsar, Olga está constantemente ameaçada de ser invadida. Isso aparece representado pela ocupação de formigas em seu apartamento, pela ideia de que está vulnerável e desprotegida, certa de que teve sua propriedade violada por ladrões e, ainda, pela ameaça constante de sucumbir a si mesma. Para se proteger das formigas invasoras, Olga passa inseticida em todos os cantos da casa e diz: *"Fiz isso com certo incômodo, sentindo que o spray poderia ser muito bem a extensão viva de meu organismo, um nebulizador de fel dentro de meu corpo."* (p. 46). Logo depois, ela se sente muito culpada pelo adoecimento e posterior morte do cão.

Em uma posição impotente diante do sofrimento do cão, já que Olga está presa em sua própria casa incapaz de pedir ajuda, ela segue acompanhando e testemunhando o processo de morte de Otto e reflete: *"como é insuportável o corpo de um ser vivo que combate contra a morte, ora parece vencer, ora parece perder."* (p. 141). Penso que era justamente isso que se passava dentro dela.

E continua: *"aquela proximidade da morte real, aquela ferida aberta de seu sofrimento, de imprevisto, inesperadamente, me fez sentir vergonha da minha dor dos últimos meses, daquele dia carregado pelo irreal. Senti a distância que voltada à ordem, a casa reconjuntava seus espaços, a solidez do piso, o dia quente que se distendia sobre todas as coisas, uma cola transparente. Como pude me abandonar daquele jeito, desintegrar assim meus sentidos, o sentido de estar viva?"* (p. 141). Foi com a morte de Otto que também algo morre finalmente dentro de Olga: o amor/dependência que sentia pelo marido. E ela reflete: *"como pesa um corpo que foi atravessado pela morte, a vida é leve, não se pode permitir a ninguém fazê-la pesar."* (p. 142).

Olga, assim, vai se reintegrando e passando a conseguir se relacionar novamente com o mundo externo, momento em que recalca novamente o linguajar obscuro. Diz ela: *"Recuei para uma língua livresca, estudada, um pouco confusa, porém dava-me segurança e distância."* (p. 150).

Podemos pensar que o livro trata também do trabalho de luto, conforme descrito por Freud em "Luto e Melancolia", desencadeado após a notícia do abandono da personagem, seu enfrentamento e consequente quebra de si mesma, bem como o esforço para se organizar psiquicamente até o momento em que consegue se reposicionar em sua vida. O luto é um trabalho necessário para o desinvestimento da libido no objeto perdido, recolhimento da libido no eu e posterior reinvestimento em novos objetos. De fato, Olga passa por um recolhimento da libido no eu e o livro termina com Olga podendo se abrir para viver um novo relacionamento.

Com a perda do objeto, Olga primeiramente se apega ao marido, o idealiza e engrandece, sente que não pode viver sem ele, e que perde uma parte de si mesma que estava entrelaçada a ele, já não sabe de si, mas há uma propensão à reorganização (pulsão de vida) e com muito trabalho psíquico, Olga escapa da inundação que sofreu, sai da inércia à qual foi levada (pulsão de morte) e volta a respirar novamente. Pulsão de vida e morte caminham e dançam juntas novamente. Com base na obra de Freud "Além do Princípio do Prazer", podemos pensar que a perda do objeto e o trauma vivido causaram um desequilíbrio pulsional?

Mas Olga sabe agora que esse equilíbrio é tênue. Ao se abrir para um novo relacionamento, Olga diz sobre o novo parceiro: *"Abraçou-me, me apertou por algum tempo ao seu lado, sem dizer uma palavra. Tentava me comunicar em silêncio que ele sabia, por um dom misterioso, reforçar o sentido, inventar um sentimento de plenitude e alegria. Fingi acreditar e por isso nos amamos longamente, nos dias e nos meses porvir, quietamente."* O interessante aqui é que Olga finge acreditar, ela já não precisa idealizar e se entregar a um amor de maneira dependente, na posição de objeto. Ela é, enfim, um sujeito que sobrevive sem o objeto e, dessa forma, pode viver junto a ele.

Olga sabe agora muito mais: *"existir é isso, pensei, um sobressalto de alegria, uma pontada de dor, um prazer intenso, veias que pulsam sob a pele, não há mais nada de verdadeiro para contar."* (p. 182).

Para finalizar, no livro "A gente mira no amor e acerta na solidão", Ana Suy refere-se à solidão de estar com a gente mesmo, que é diferente da solidão do abandono pelo outro ou da solidão do abandono de si mesmo (ambos vividos pela personagem Olga). Dessa forma, será que Olga conquistou enfim a solidão de estar com ela mesma? E assim, conseguiu por fim aproximar amor e solidão? A autora diz no final de seu livro: *"quando aproximamos amor e solidão, desidealizamos o*

amor, humanizamos a solidão e nos encontramos com outra coisa: um amor menos perto da paixão, mas paradoxalmente, mais apaixonante." (p. 158).

Referências:

- Ferrante, E. (2016) Dias de Abandono. São Paulo: Biblioteca Azul;
- Cricelli, F (2023) Crônicas do mal de amor ou trilogia do abandono - a gênese de Elena Ferrante. Revista Cult, Dossiê A Procura de Elena Ferrante, edição 291;
- Cromberg, R. U. (2022) Paranoia. Belo Horizonte: Artesã Editora (Clínica Psicanalítica);
- Suy, A. (2022) A gente mira no amor e acerta na solidão. São Paulo: Planeta do Brasil;
- Freud, S. (1915) Luto e Melancolia. São Paulo: Autêntica;
- Freud, S. (1920) Além do Princípio do Prazer. São Paulo: Autêntica; e
- Freud, S. (1940) A divisão do ego no processo de defesa. Rio de Janeiro: Imago.

2º Semestre 2023

Ciclo V

Nome: Susi Breviglieri Hegenberg

Título: A técnica da construção em psicanálise: um caminho para a compreensão dos conflitos internos

Apresentação:

Escrever sobre o tema *Construções em análise* (Freud, 1937) despertou meu interesse devido à sua importância na transformação analítica. Apesar do tema ainda não ter sido abordado em aula (que ocorrerá em junho), é um assunto que muito me atrai pela oportunidade de explorar as implicações culturais e individuais na construção de significados.

Além disso, me debruçar sobre o tema é uma forma de aprimoramento da minha prática clínica e ao mesmo tempo oferecer uma oportunidade valiosa de aprofundar minha compreensão e contribuir na minha formação.

A técnica da construção em psicanálise: um caminho para a compreensão dos conflitos internos

1. Introdução

A psicanálise é um método de investigação que busca compreender o funcionamento psíquico do indivíduo e desempenha um papel fundamental na descoberta e no entendimento dos conteúdos inconscientes. Dentre as técnicas utilizadas pelos analistas, destaco a técnica da construção que utiliza a narrativa do paciente com o objetivo de desvelar os conflitos internos que podem estar por trás de seus sintomas.

No entanto, é importante ressaltar que a construção não se trata de uma mera imposição de significados pelo analista. Ela é construída em conjunto, a partir de uma

colaboração ativa entre analista e paciente. Através de um diálogo aberto e respeitoso, o paciente é convidado a participar ativamente da criação de significados, contribuindo com suas próprias percepções. Esse processo colaborativo fortalece a relação terapêutica e favorece a internalização de conteúdos alcançados durante a análise.

Este trabalho, tem como objetivo explorar o conceito da técnica de construção e a importância de sua aplicação na prática clínica.

2. Diferença entre método e técnica em psicanálise

Freud, ao longo de sua produção teórica, refere-se à Psicanálise que ele criou, como um método, um procedimento de investigação (Freud, 1923) ou uma técnica de tratamento (Freud, 1905). Nesse sentido, ele não explicita qual seria a distinção entre os termos.

Como via de esclarecimento, utilizarei a definição de *Método* como “um conjunto de procedimentos racionais, baseados em regras, que visam atingir um objetivo determinado” (Japiassú, M, Marcondes, D, 2001, p. 181).

Contudo, vale notar que a técnica psicanalítica aparece relativamente pouco nos trabalhos de Freud. Ele publicou cerca de 300 textos entre 1895 e 1937, e somente 20 artigos são dedicados a questão de como o analista deveria conduzir um tratamento (Lohser e Newton, 1996), e ainda assim, poucos textos dizem sobre sua instrução técnica.

De acordo com estes trabalhos, a técnica psicanalítica corresponde ao conjunto de procedimentos clínicos, terapêuticos e interpretativos de intervenção que permite definir o tratamento psicanalítico (Roudinesco, 1998).

Se o *método* é o caminho, a *técnica* é o modo de caminhar.

Ao longo dos anos, alguns aspectos da técnica foram sendo reformulados por Freud e é o que encontramos nesta última fase de reflexão presente nos textos “Análise terminável e interminável” e “Construções em análise”, ambos de 1937.

É a técnica de *construção* que vou privilegiar no presente trabalho, uma vez que tanto se fala em interpretação e que são duas formas distintas de intervenção analítica.

3. A técnica da construção em psicanálise

Segundo Freud, a técnica de construção consiste em “transformar as ideias vagas e confusas do paciente em representações claras e compreensíveis” (Freud, 1912). Tem como objetivo ajudar o paciente a construir uma narrativa coerente e compreensiva de sua vida e de suas experiências, a fim de identificar os aspectos inconscientes que podem estar por trás de seus problemas e sintomas.

A noção de construção surge como uma alternativa técnica que pode ser entendida como uma forma de lidar com conteúdos difíceis de acessar no processo analítico, além de ser instrumento adicional para otimizar as habilidades terapêuticas e alcançar seus objetivos.

É importante distinguir interpretação de construção. Embora ambas sejam inferências feitas pelo analista a partir do relato do paciente, a interpretação refere-se a uma intervenção realizada em um elemento específico do material, como um ato falho, um sonho ou uma manifestação transferencial. Seu objetivo é esclarecer esse evento específico, em vez de construir uma história ou narrativa a partir dele, que é o caso da construção e que ocorre quando o analista apresenta ao paciente um fragmento de sua história (Freud, 1937).

Laplanche e Pontalis definem a construção como um instrumento utilizado pelo analista para realizar uma elaboração mais abrangente e distante do que a interpretação. Essa elaboração tem como objetivo reconstruir, em seus aspectos reais e fantasiosos, uma parte da história infantil do sujeito (2001, p.97).

4. A utilização da técnica da construção na prática clínica

A construção é realizada após a coleta de elementos do discurso, dados provenientes da memória e da história do paciente, bem como a percepção da dinâmica transferencial específica entre o paciente e o analista ao longo das sessões.

Quando o paciente encontra dificuldades para trazer novos conteúdos que impulsionem o processo analítico após o início do tratamento, o analista utiliza a construção devido a esta dificuldade de ele obter rememoração decorrente da amnésia infantil. O objetivo dessas construções é trazer de volta a lembrança ou fragmento de lembrança reprimida (Freud, 1937).

Assim, a tarefa do analista é inferir, a partir das expressões fornecidas pelo paciente, o que foi esquecido e comunicá-lo no momento apropriado, identificado pelo tato do analista. Essa inferência preenche uma lacuna na vida passada do paciente que foi reprimida, pois organiza o material surgido no tratamento.

Ao comparar o processo analítico ao trabalho de um arqueólogo, Freud destaca que a psicanálise se beneficia do fato de que as formações psíquicas não são completamente destruídas na vida mental e que, como o paciente está vivo, tudo o que é essencial ainda está preservado em análise (Freud, 1937). Isso implica que o sucesso ou o fracasso em trazer à luz o que está oculto no inconsciente depende da técnica utilizada. O trabalho do analista é uma tarefa preliminar em relação ao trabalho do paciente, mas isso não significa que ele precisa estar totalmente concluído antes que o paciente comece a elaborar. Nesse sentido, Freud destaca que no processo analítico “ambos os tipos de trabalho ocorrem simultaneamente, um sempre um passo à frente, seguido de perto pelo outro” (Freud, 1937). O trabalho do paciente, portanto, envolve concordar ou não com as construções propostas pelo analista, confirmando-as ou refutando-as com base em suas resistências, possibilidades transferenciais, situações de momento de vida.

Como consequência, a resposta do paciente à construção feita e apresentada pelo analista serve como um termômetro ou indicador da validade dessa construção, tornando-se um indício de confiabilidade. As reações do paciente são indicadores importantes do sucesso da intervenção e não devem ser negligenciadas. Se uma construção inconsistente não causa danos nem provoca uma reação no paciente, uma reação afirmativa não necessariamente confirma a construção, e só é válida quando acompanhada por afirmações indiretas complementares, como novas lembranças surgidas espontaneamente pelo paciente, que podem ampliar e complementar a construção em questão, ou expressões como “nunca pensei nisso”. Por outro lado, um não do paciente revela uma resistência provocada pelo conteúdo da construção e indica que ela está incompleta. Isso mostra que o paciente não desconhece o que lhe foi comunicado, mas sua negação é justificada pela parte ainda não descoberta pela construção.

No entanto, mesmo que a construção do analista nem sempre resulte em lembranças por parte do paciente, Freud afirma que se a análise foi conduzida corretamente, o paciente é capaz de alcançar uma convicção sobre a veracidade da construção, o que tem o mesmo efeito terapêutico que a lembrança (Freud, 1937). Essa concepção do trabalho analítico também reflete uma prática psicanalítica que assume riscos e confia na capacidade de gerar

novas reações do paciente como evidências de progresso do tratamento e da superação das resistências. Portanto, se nos últimos escritos de Freud a resistência é considerada originária de fatores constitutivos, a construção pode ser vista como uma maneira de garantir e estimular mudanças no estado psíquico do paciente.

5. Considerações finais

A construção em análise é uma técnica fundamental na prática psicanalítica e tem como objetivo promover a compreensão e a transformação dos conteúdos inconscientes do paciente. Através de elaboração de hipóteses, o analista busca preencher as lacunas de sentido presentes no discurso do paciente, o que pode levar a uma compreensão mais profunda e significativa de suas emoções, experiências e comportamento.

Referências:

- JAPIASSÚ, H. MARCONDES, D. Dicionário de filosofia. 3ª Ed. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR EDITOR, 2001.
- LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.B. Vocabulário de psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LOHSER, B. NEWTON, P. M. Unorthodox Freud: The View from the Couch. New York: Guilford Publications, 1996.
- ROUDINESCO, E. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FREUD, S. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1996.

2º Semestre 2023

Ciclo VI

Nome: Marcella Prado Ignácio

Título: A arte de perder não é nenhum mistério?

A arte de perder não é nenhum mistério;
tantas coisas contêm em si o acidente
de perdê-las, que perder não é nada sério.

[...]

— Mesmo perder você (a voz, o riso etéreo
que eu amo) não muda nada. Pois é evidente
que a arte de perder não chega a ser mistério
por muito que pareça (Escreve!) muito sério.

Elizabeth Bishop

Mariana chega até mim através do projeto “Escuta viva”, que foi idealizado por alunos do CEP durante a pandemia com o propósito de atender pacientes em situações de vulnerabilidade – existe uma única regra no projeto: as quatro primeiras sessões de análise são gratuitas e, dependendo do analista e da condição financeira do analisando, combina-se um valor a ser pago por sessão. Caso não seja possível o pagamento – e se assim desejar o analista - as sessões são ofertadas gratuitamente até que o analisando tenha recursos para pagar a sua análise. Faço parte desse projeto desde outubro de 2021, quando dei início a minha clínica psicanalítica. Lá conheci meus primeiros pacientes e muitos deles me acompanham até hoje. Atendo a todos de forma remota, pois muitos vivem em outros estados.

A analisanda marca sua primeira sessão para janeiro de 2022. Ao abrir a câmera percebo Mariana bastante acuada, vestindo pijamas, com um rabo de cavalo baixo de lado, com olhos vacilantes, sem mirar a câmera. Pergunto se ela conhecia o projeto e a questiono sobre o que a levou a procurar a análise. Em sua primeira sessão, Mariana me conta que tem a sensação de não pertencer a nada, nem a lugar nenhum. Ela relata se sentir vazia. Mariana estava exausta. Exausta por ter que recomeçar seu percurso de análise com uma analista diferente e, dessa forma, ter que recomeçar a contar tudo – e ela suspira quando me diz isso – tudo de novo. Enquanto me confiava

sua sensação de vazio imenso, Mariana mordida os lábios, olhava sempre para o chão. Acredito que ela não tenha visto meu rosto naquele dia. Ela ajeitava os cabelos e fazia pausas longas em seu discurso. Respirava, enchia o peito e dizia: - Nossa, que é tanta coisa... É difícil começar de novo, sabe?”. Me diz envergonhada, quase como se fosse culpa dela que “A Ana não pôde mais me atender. É tanta coisa que eu ainda tenho que te contar.”. E assim damos início a esse percurso de análise que já dura 1 ano e 5 meses. As razões que a fizeram ter que parar a análise anterior foi o desemprego. Ela perdeu o namorado, a analista e seu trabalho em uma escola – tudo isso em período curto. Isso me é contado em meio a muitas lágrimas. Mas ela diz:” - Eu quero tentar de novo”. E eu respondo: “Tentar o que? Ela diz: “- Encontrar a mim mesma”.

Mariana tem 28 anos, é formada em pedagogia, e, quando a conheci, ela estava desempregada há quase 1 ano e havia também retomado o namoro com o ex. Eu a atendi gratuitamente por cerca de 1 ano, até que ela arrumasse um emprego e pudesse arcar com um valor social de suas sessões.

A analisanda é nascida e criada na zona Leste de São Paulo, onde atualmente trabalha em uma creche. Ela é filha de um casal que se divorciou quando ela tinha 11 anos. Foi aí a separação definitiva dos dois. Antes já haviam se separado por conta de traições, ciúmes e muitas brigas. Mariana me conta que sentia medo de sua mãe, “Ela virava um monstro, desses que têm na televisão” quando brigava com seu pai. Mas ela diz também: “Meu pai nunca foi flor que se cheire. Se abre para todo mundo”. As irmãs se recolhiam no quarto enquanto ouviam a gritaria de seus pais pela casa, o pai fazia as malas, ia-se embora e logo em seguida voltava. Até que numa última desavença, o pai deixa a casa da então esposa e das filhas e vai para o nordeste, que é de onde vem a sua família. Mariana me conta que a família do pai é muito grande: muitos irmãos, muitas cunhadas, muitos sobrinhos, muitas primas e muitos primos. A analisanda relata que em sua família paterna era comum acontecer casos de adultério entre as cunhadas e os irmãos. Nada nunca foi feito às escondidas das crianças. Mariana disse que pensava sempre: quando será a minha vez? Quando é que será que meu pai vai se separar da minha mãe? Ela tinha muito medo de um divórcio, porque ela e o pai era muito próximos. Ela se dizia a princesinha do papai.

Como dito anteriormente, a família do pai era extensa. O pai de Mariana se envolve com uma prima e ela engravida. O pai fica meses no Nordeste. Volta para São Paulo com a prima, uma filha e de fato apartado de sua primeira família. Mariana descobre a gravidez da prima de seu pai através do Orkut. Ela vê uma foto, mostra para sua irmã e as duas caem em prantos. Eu pergunto a ela: “O que representou essa foto para você?” e ela me responde: “O fim da esperança de que meu pai voltaria para casa.” Inconformada, Mariana fica anos sem falar direito com o pai, mesmo ele

ainda tendo a chave da casa e fazendo visitar frequentes, que, só depois de muitos meses de análise, Mariana confessa que o pai e a mãe ainda se relacionam de forma esporádica. Pergunto como ela se sente em relação a isso. Ela revira os olhos e diz: “- Minha mãe não tem jeito, só falta botar tapete vermelho para o meu pai entrar em casa. Faz bolinho, sanduiche, tudo que ele gosta. Outro dia cheguei mais cedo e peguei a porta trancada do quarto. Vi o carro do meu pai lá fora. Pensei que deviam estar se namorando.” Mariana se questiona: “Como meu pai pode fazer isso? E como a minha mãe suporta? Minha mãe só falta lambar o chão que ele pisa.”

Mariana me conta que essa madrasta tem asco dela, não a suporta. Toda vez que elas se encontram, Mariana adoece, o seu celular quebra, trava, tudo acontece. Ela chega a dizer que esse ódio é porque o pai a trata ainda como princesa e que sua madrasta diz raivosa: “Com a Mari, tudo é diferente. Tudo é para ela.” Mariana se regozija falando nesse assunto. Ela se sente acolhida porque por muitos anos sentiu que havia sido deixada para trás e se entristecia quando via o pai, a madrasta e a filha caminhando de mãos dadas. Mariana me enviava mensagem quando via esse tipo de cena, dizia não se sentir mais parte da vida do pai. De alguma maneira, saber que ainda é a preferida, a fez sentir melhor, pelo menos assim ela o diz.

Desde o início de sua análise, Mariana apresenta seu *eu* extremamente empobrecido. Cheguei a pensar que talvez o processo de luto que ela não fez da separação de seus pais havia se transformado em melancolia. Reli inúmeras vezes o texto de Freud. Ela apresentava todas as características descritas pelo autor: seu *eu* ficou empobrecido, sua autoestima absolutamente rebaixada. Seu objeto de amor não havia morrido, mas havia sido perdido. Ela ainda luta para compreender o que foi que perdeu com a partida do pai.

Mariana não se sente digna de amor e nem de felicidade. Ela repete diversas vezes em análise: “Eu não dou em nada, eu não faço na que preste”. A analisanda se sente completamente substituível e desprezível. Ela vive como se a qualquer instante seu objeto de amor a pudesse trocar por algo melhor que apareça. E ela esbraveja por amor. Ela grita, ela se revolta, ela se unha. Mariana me conta que quando está em crise, ela finca as unhas na barriga e diz “é melhor do que não sentir nada.”

Depois da partida de seu pai, Mariana se sente invisível. Ela encontrou algumas maneiras de lidar com a dor da perda. Talvez tenham sido também maneiras de pedir socorro aos pais. Primeiro começou a despencar o seu desenvolvimento escolar. Perguntei como seus pais agiam diante disso e ela me responde que apenas falavam: “É, tinha que ser a Mariana.” Não lhe oferecem a mão. Ela tenta novamente ficando enfiada dentro de seu quarto usando a internet e aqui acontece algo curioso: Mariana me conta que vivia em comunidades do Orkut onde eram simuladas famílias

virtuais – com mães, pais, avós, primos. Perguntei qual papel ela desempenhava em sua família virtual e ela me diz que de uma filha e que usava a foto de uma menininha. Pergunto o que ela sentia ao fazer parte dessa família e me diz: “acolhida”. Ficar horas dentro do quarto também não serviram de nada, então, quando completa 16 anos, Mariana começa a beber em quantidades absurdas, chega bêbada em casa, vomitando, e, mesmo assim, não consegue a atenção que esperava. Ouvia apenas: “A Mariana dá muito trabalho” e não houve nenhum esforço de resgate de seus pais.

Na época do divórcio dos pais, os avós de Mariana pediram para que ela pedisse para o pai para que ele ficasse. Reproduziu essa cena durante o seu último relacionamento, ela reproduzia esse fantasma. Quando brigava com o namorado, implorava para que ele voltasse, para que ele a amasse, para que ele ficasse. Eu o chamarei de Mário. Ele é parte importante do caso que estou relatando. Falarei dele mais para frente.

Essa sensação de invisibilidade e de tanto faz tanto fez acompanham Mariana até hoje. Seu contorno é frágil, pouco delimitado. Ela se molda, se modifica para caber no desejo do outro. Essa é a maior ânsia de Mariana: ser objeto de desejo e de amor de alguém. Mas ela quer ser incondicionalmente amada. Ela não aceita ser faltante e não aceita amar alguém também faltante. Ela testa o objeto amado vezes sem fim.

Em seu último relacionamento também conturbado, a Mariana procura brigas por motivos que são motivos fantasiados por ela – uma curtida de uma foto x por uma fulana x numa página x. Como ela mesma diz, “se as coisas estão em paz, ela vai caçar alguma coisa”. Em sua percepção ela estava sempre sendo preterida, seu namorado estava sempre a sacaneando, sempre a deixando de lado. Ela mesmo quando tinha razão, pedia perdão. Mario ameaçava a Mariana “desse jeito vou terminar com você” “se você continuar desse jeito vou ter que tomar uma atitude”. E assim Mariana volta a ser criança, fica no quarto chorando por dias até que obtivesse perdão, à espera, sempre à espera.

Mariana em análise concluiu que os ciclos das brigas eram sempre os mesmos: primeiro a calma, depois ela caçava uma briga, e aí ela se humilhava, pedia perdão, até que Mario aceitasse. Ela me conta que esse amor que recebe depois de uma turbulência é intenso. É forte. O amor que chega até Mariana genuinamente não tem valor. Ela não sente. O relacionamento da analisanda lhe traz muita angústia. Eu toda vez a indagava: O que lhe prende a essa relação? Depois de meses colocando a questão, Mariana teve um insight: O ex-namorado dela, quando a conheceu, estava se relacionando com uma moça que estava grávida dele. E, mesmo que ela ainda estivesse com poucos meses de gravidez, ele se apaixonou pela Mariana. E escolheu ficar com ela. Aí é que está a chave do mistério para ela, do porquê ela não conseguia sair dessa relação: reparação da cena do divórcio

dos pais. Dessa vez ela havia sido a escolhida, ela foi a prioridade. E perder o ex-namorado era, para Mariana, como perder novamente seu pai. Ao menor sinal de instabilidade - que acontecia diariamente -, ela regredia.

Uma vez ela me descreve uma das inúmeras brigas que tinha com Mario. Mariana me contou que se desentenderam e ela estava na casa dele. Mario disse iria levá-la embora, mas ela pediu para que não, implorou para que ele a deixasse ficar. Que ela não iria incomodar. E ele a deixou sentada em um canto, paradinha, aguardando por ele. Ele terminou de ver o jogo e só depois deu atenção a ela. E ela disse: “ah, é sempre assim... a gente briga, aí ele se faz de difícil e depois a gente tem relação e no outro dia parece que nada aconteceu. A gente promete que nunca mais vai brigar. Mas aí eu faço tudo de novo”. Mariana se colocava sempre como culpada. Às vezes me perguntava se o gozo da analisanda não estava em testar o objeto de amor, quase perdê-lo e quando ele está por um fio ela conseguia recuperá-lo novamente. Era como recuperar seu pai novamente, vezes sem fim. Mas esse gozo lhe trazia culpa. Ela ocupava o lugar da amante, da escolha do pai. Gozava enquanto a mãe sofria. E como gozar nesse lugar sabendo do sofrimento que isso pode ter causado? Que causou na família dela?

Mariana me conta de uma memória da infância. Ela estava no quarto em cima de uma cômoda pedindo para descer, mas a mãe pediu que ela ficasse mais um pouco porque a irmã havia se machucado. A analisanda disse que chorou muito. Algumas vezes nas sessões revisitamos essa lembrança. Mariana diz ainda se sentir como a menina presa em cima do móvel. A espera de que alguém a tire de lá. E esperando porque alguém tem sempre um pedido mais urgente que o dela. Mariana voltou a falar sobre essa cena com a sua mãe, que lhe disse “não foi nada assim. Você ficou segundos em cima da cômoda” – segundos que para Mariana foram uma eternidade.

A analisanda me conta que na infância não podia escolher suas roupas. Sua mãe cortava seu cabelo bastante curto e a vestia com roupa de menino, roupas azuis, verdes, amarelas e bastante largas. Uma vez ela perguntou para a mãe o porquê disso e a mãe disse que era porque era mais barato, e também que duravam mais. Até o uniforme da escola tinha que ser o mais masculino possível. Mariana me conta que se sentia estranha, olhada esquivo pelas pessoas. Ela carrega isso até hoje. Quando numa roda de pessoas, basta que chegue outra mulher para que a luz dela se apague. Ela diz se sentir feia, ameaçada.

A relação de Mariana com a mãe me faz lembrar um livro do Valter Hugo Mãe, “Desumanização”. Há um trecho que parece descrever essa mãe da Gabriela: “A minha mãe, por seu lado, perdera o modo de se apaziguar. Rejeitava cada coisa. Era rigorosa, não desculpava ninguém e não se desculpava. Estava em guerra. Não sabia nada, na verdade, punha as mãos às

cegas no mundo. Como se estivesse viva num mundo morto”. As duas vivem juntas, Mariana reconhece o quanto a mãe faz por ela, mas também nutre muitas mágoas. As duas as vezes entram em conflitos bastante sérios, se ofendem e, uma vez mais recorro à literatura “magoávamo-nos, acreditava eu, sempre por causa da ternura. Como que a reclamá-la enquanto a perdíamos de vez.”

Durante seu percurso de análise, Mariana está fazendo as pazes com a sua mãe. Ela passou a ser mais paciente, compreensiva e está lutando para perdoá-la. Mariana sempre consultava a mãe para lembrar coisas da infância, ela ia mesmo atrás das memórias para tentar entender como se sente agora, no momento presente. Ela tem tentado compreender a mãe e o que ela passou durante o casamento, sem culpá-la. Ela está assimilando que a mãe fez o pôde, que não a negligenciou de propósito, e que também ela vivia um relacionamento que consumia toda sua energia, assim como viveu Mariana. ela se compara muito com a mãe nesse aspecto.

Enviei para Mariana um vídeo de um livro infantil chamado “Vazio”. Vejo-a na personagem. Assim é a descrição do livro: “A vida é cheia de encontros. E também de perdas. Às vezes, a gente perde coisas insignificantes: um lápis, um objeto qualquer. Mas podemos perder coisas bem mais valiosas, como a saúde e uma pessoa querida. Vazio conta a história de uma menina que consegue superar essa tristeza, dando novo sentido às suas perdas. – Acredito que esse seja o trajeto de análise com a Mariana.

No livro, a personagem tenta de tudo para tapar seu vazio, mas ele cresce mais e mais. Quando viu o livro, Mariana chorou muito, chegou aos prantos na sessão. A analisanda chegou à conclusão de que também ela tentou muitas coisas: bebida, namorados, promiscuidade, vício em jogos de computador, Narguilé. E nada adiantou. Mas me pergunto: o que vai tapar esse vazio sentido por Mariana?

Há 05 meses, Mariana terminou o relacionamento conturbado que vivia com Mario. Nunca mais se viram ou se falaram desde então. No início, Mariana apresentou uma defesa quase maníaca contra seu vazio: ia para a academia todos os dias, hidratava os cabelos, encontrava os amigos. Se sentia forte por ter tido coragem de dar fim a uma relação que lhe causava tanta dor, mas que era tentadora porque reproduzia seu Édipo. De umas semanas para cá, Mariana tem se sentido sem energia, cansada, exausta. Ela me disse: “Eu que lute”. Pois eu disse: “Lute, passe pelo luto. Você que lute”. Estamos agora num período de acolhimento e agora chegou o momento de saber quem é a Mariana solteira, qual é o seu gozo e desejo, qual é o seu jeito de amar. Agora é hora de reconstrução, de contornar esse corpo que sente solto no ar. Ela agora chora o luto do fim do relacionamento dos pais e também do seu. Às vezes fazemos duas sessões semanais, às vezes uma. Desde o término, Mariana se reconectou com a mãe, com o pai, com as amigas e fez novas amizades

no trabalho. Coisa que antes ela não podia, segundo Mario. Fez também matrícula na autoescola. Achei simbólico. Dirigir é liberdade, é libertador. Quem sabe um dia a Mariana perceba, assim como nos ensinou tão sabiamente Elizabeth Bishop, “que a arte de perder não é nenhum mistério.”